Revisão do melodrama em A pele que habito[1]

Wendy Almeida de ARAÚJO[2]
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo
O filme *A Pele que habito* é um interessante suspense, do diretor espanhol Pedro Almodóvar, que revela muitas ambigüidades e polaridades trabalhadas com realismo, numa combinação de arte, tecnologia, lei, desejo e erotismo em exagero, na beleza plástica de corpos e movimentos. A primeira impressão é que a obra representa a subversão ao gênero mais popular do cinema: o melodrama, com suas histórias de transgressão e punição, ações serias e trágica, conflitos familiares e luta entre o bem e o mal. Sendo assim, esse artigo objetiva analisar os significados manifestos e latentes *d'A pele que habito*, a partir de um imaginário melodramático. A ideia é perceber que por mais que um autor tente desvincular sua obra do gênero popular, taxado como alienante, não fica livre de contaminações, mesmo que suaves, nuances ou reflexos de características canônicas incidem ali.

Palavras-Chave: Cinema; Melodrama; Almodóvar.

Introdução

A cultura humana é histórica, envolve processos de mutação tanto quanto de continuidade, a criação do novo juntamente com a conservação da tradição. São relações entre o pré e o pós- moderno, o inédito e o clássico. A cultura, assim sendo, não se apresenta estática, mas cíclica, movida pela evolução da sociedade[3].

Na cultura cinematográfica não é diferente. De acordo com a evolução dos tempos, o cinema incorpora em suas narrativas novas técnicas, aperfeiçoa ou abandona antigas e, assim, renova-se. Nenhum gênero, por mais popular que seja, como o melodrama, conserva fidelidade à sua essência, mas nem à sua inovação. Funciona, conforme Oroz[4], como "um estereótipo cultural com dinâmica própria, num determinado contexto histórico".

O melodrama, ou os "filmes para chorar", apesar das variações sofridas, manteve o "apelo aos sentidos", na tentativa de induzir a sentimentos de piedade ou tristeza. Com suas histórias de transgressão e punição é, talvez, o gênero mais popular do cinema.

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. Mestranda em Comunicação pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG-GO, email: wendypandel1@gmail.com.
[3] In: DE CICCO, C. **Hollywood na cultura brasileira**: o cinema americano na mudança da cultura brasileira na década de 40. São Paulo: Convívio, 1979.
[4] OROZ, Silvia. **Melodrama**: o cinema de lágrimas da América Latina. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

Entre suas principais características estão: trama com variedades de ações sérias e trágicas, conflitos familiares e luta entre o bem e o mal.

Antes da Primeira Guerra Mundial, o melodrama teatral começou a decair e seu rendimento econômico entrou em colapso, com isso, ele emigra para o cinema. Conforme Oroz, o melodrama foi o gênero cinematográfico mais amado pelo público (massa) e o mais repudiado pela crítica, e pelos chamados "públicos eruditos".

O melodrama canônico exige uma narração que condicione o espectador a uma leitura simples. Esse tipo de relato é um dos articuladores da cultura de massas e das preferências do público. Tensão crescente e rapidez de ação constituem a natureza desse imaginário. A representação de alegorias dramatizadas da experiência humana, ou seja, a exposição de uma ideia em forma figurada, com acentuação em obras sentimentais com forte moralismo, também é característica forte do gênero[5].

"O melodrama atual está distante de sua própria gênese, mas seus princípios e sua relação com o público continuam estruturados através do sentimentalismo e das lágrimas", ressalta Oroz[6]. Na literatura, no jornalismo, no teatro, na telenovela, bem como no cinema, esse imaginário ainda se mostra predominante.

Identificar características melodramáticas no cinema hegemônico de Hollywood não é tarefa difícil. Porém, fazê-lo na obra do diretor espanhol Pedro Almodóvar, especificamente no suspense, baseado no romance Mygale de Thierry Jonquet, *A Pele que habito* [2011][7], se configura como um desafio, logo que o diretor parece explorar a subversão do gênero.

Esse artigo pretende, entretanto, aceitar esse desafio e refletir sobre os significados manifestos e latentes *d'A pele que habito*, a partir de um imaginário melodramático. A ideia é perceber que por mais que um autor tente desvincular sua obra de um gênero popular, taxado como alienante, através da ironia, não fica livre de contaminações. Mesmo que suaves, nuances ou reflexos de características canônicas incidem ali.

Melodrama pop?

[5] OROZ, Silvia. Idem.
[6] OROZ, Silvia. Idem.
[7] LA PIEL que Habito. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Buena Vista International. Espanha: El Deseo S.A., 2011. 1 DVD (117min).

O melodrama *pop* é um esquema reativado por produções recentes, mas que se inaugurou nos anos 60, em conexão com uma vertente da arte *pop*. Ele teve múltiplas versões, até encontrar em Almodóvar seu sentido mais visível, a partir dos anos 80. O cineasta consegue explorar outra face do gênero, através de paródias e pastiches.

De acordo com Xavier[8], o melodrama *pop* "incorpora, por meio de paródia, os deslocamentos de valores operados pelo hedonismo da sociedade de consumo, desestabiliza as normas tradicionais de separação do masculino e feminino, trabalhando as formas de choque entre o arcaico e o moderno".

Daí a questão: Almodóvar assume a subversão ao melodrama em suas obras ou, de certo modo, ironiza o gênero, apropriando-se de algumas de suas características? A crítica não deixa de reafirmar o sentido e a posição do censurado que, no caso do melodrama, ocupa lugar de destaque, ovacionado pelo público. Público esse que vai ao cinema, busca a identificação com os personagens, se emociona e volta para casa gratificado ao ver a resolução dos conflitos no desfecho do filme.

Xavier[9] lembra-nos que "as estratégias de um cinema crítico e as revisões dos teóricos da mídia mostraram-se, na cultura de mercado, uma pequena onda quando as comparamos com o dado mais avassalador da retomada de iniciativa por parte de Hollywood". Assim sendo, fica problemático afirmar que o terreno que Almodóvar explora é alheio ao melodrama tradicional.

Em o filme *A pele que habito,* deparamo-nos com ambiguidades – de gênero (masculino-feminino), de identidades (homessexual-heterossexual), de pele (natural - artificial), de loucura (herdada - adquirida), de paixão (pela experiência - esposa e filha). Polaridades trabalhadas com realismo, numa combinação de arte, tecnologia, lei, desejo e erotismo em exagero, na beleza plástica de corpos e movimentos.

O filme de Almodóvar centraliza a trama em dois personagens: Robert (Antonio Banderas) e Vicente/Vera (Jan Cornet/Elena Anaya). Os dois são vítimas: do sistema pós-moderno, da sociedade de valores efêmeros e consumistas, do hedonismo – reflexo de drogas, paixão, sexo e loucura – enfim, dos infortúnios da vida. Aqui persistem as polaridades do bem e do mal, traço melodramático, mas não bem definidas.

[8] XAVIER, Ismail. Melodrama, ou a sedução da moral negociada. In: **O olhar e a cena** – melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 85-99.
[9] Idem.

Xavier[10] explica que no melodrama "o sucesso é produto do mérito e da ajuda da Providência, ao passo que o fracasso resulta de uma conspiração exterior que isenta o sujeito de culpa e transforma-o em vítima radical". Seria uma espécie de falta de sorte na vida, relacionada também com a influência do espaço social em que o indivíduo nascera e se criara.

Vicente, entretanto, se torna vítima de Robert, não por acaso e sim por sua condição e condução na vida. A transgressão que merece uma punição, característica forte no melodrama, tem projeção tripla em *A pele que habito*. Vicente: por usar drogas e se envolver em um suposto estupro é transformado em "mulher" e em cobaia. Robert: por querer vingar a sua filha e realizar a transgênese, sequestrar Vicente e transformá-lo em Vera, é morto. Já Zeca (Roberto Álamo): por ser uma espécie de vilão da trama (vítima também do sistema social), também encontra na morte a punição.

Em *Forest Gump, o contador de histórias* [1994], a morte de Jeanny aparece como redenção de quem se deixou contaminar pelas "mazelas" da sociedade moderna. No caso de Robert e Marília (Marisa Paredes), "não há lugar para aquele senso implacável de punição trazido pela justiça poética do velho melodrama"[11]. A história de vida deles, marcada por sofrimento, os contaminou, tirando-lhes a virtude. Sendo assim, serem mortos por Vicente/Vera, o que Marília prévia, se mostrou como uma forma de redenção.

No melodrama é preciso sofrer. Mesmo com algumas tentativas fracassadas de suicídio, Vicente sofre todas as dores físicas e emocionais que podem comportar o tamanho da transformação (transgênese e transgênero) que ele passara. Isso porque, na imaginação melodramática, "é por meio do sofrer e após a sua superação, ou perpetuação, que a promessa de felicidade pode ser cumprida ou o fracasso aceitado".[12] A felicidade de Vicente pôde ser cumprida em partes, logo que ele conseguiu voltar ao lar com a "melhor pele do mundo", mas com a identidade fragmentada.

[10] Idem. p. 85.
[11] XAVIER, Ismail. Parábolas cristãs no século da imagem: alegoria e melodrama em Hollywood . In: **O olhar e a cena** – melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 101-125.
[12] PIRES, Caroline Anielle. NOGUEIRA, Lisandro Magalhães. Pedro Almodóvar e a cultura sem nome: a reconstrução do melodrama e da mulher na era dos sentimentos de plástico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife. **Anais**... Recife, 2011. CD.

Figura 1: Vicente/Vera tenta suicídio

Fonte: http://www.lapielquehabito.com/imagenes.php

Em geral, o melodrama simplifica as questões em pauta na sociedade, coloca em questão a pedagogia do certo e errado. De modo não tão simples, qual seria a pedagogia *d'A pele que habito?* Não use drogas? Não tente transar com alguém após usar drogas e álcool? Assuma sua identidade? Não deixe se levar pelas emoções? Ironias à parte, talvez seria: saiba viver no mundo contemporâneo, se imunize dos estímulos da pós-modernidade através dessas cenas que chocam.

Para Benjamim[13] os choques que o cinema provoca em seus espectadores são formas de treinamento e preparação para que os indivíduos possam encarar os estímulos do mundo moderno. Conforme o autor, "o cinema é a forma de arte que acompanha a ameaça crescente à vida que o homem moderno tem que enfrentar. A necessidade do homem de se expor aos efeitos do choque é o seu ajustamento aos perigos que ameaçam"[14]. Seria uma espécie de escola que traz a pedagogia do certo e errado? Se sim, nos deparamos novamente com as características do melodrama.

Conflitos familiares, outro aspecto forte no imaginário melodramático, aparece no filme em várias dimensões: Robert com sua paixão pela mulher e, quase incestuosa, pela filha; Marília com sua relação distante do filho Zeca e mais distante ainda de Robert, por ele não saber que é seu filho, a mãe de Vicente na busca incansável pelo filho desaparecido e a morte de Zeca pelo próprio irmão.

[13] Apud SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
[14] Apud SINGER, B. Idem. p. 9

Na relação mãe e filho Almodóvar parece tentar trazer à tona as dificuldades da criação fora do sistema patriarcal, dos alicerces familiares (pai-mãe) e o que isso influencia nos convencionalismos sociais. Percebe-se, então, que as regras morais são mostradas pelo filme por outras "janelas", com novos contornos.

O melodrama tem sido o reduto de cenários de vitimização. "Basta lembrar o tema da virgem ameaçada, ou da inocência desprotegida, que o gênero herdou da Idade Média"[15]. "O castelo de pureza assume aqui feição radical" podendo ser relacionado com a cena do estupro de Vicente/Vera, na alegoria do tigre "comendo" sua presa indefesa (mais tarde, na TV que Vera assiste, também aparece cenas de um tigre capturando a caça).

Figura 2: Zeca ataca Vera

Fonte: http://www.lapielquehabito.com/imagenes.php

Ao final do estupro, com a morte de Zeca, o foco é o sangue no colchão que pode representar a perda da virgindade de Vera. Mas é essa quebra de pureza, através da relação sexual, esse sofrimento ao extremo, que lhe dá a possibilidade de liberdade. Nesse momento, e no ápice de sua insanidade, Robert passa a vislumbrar Vera como "mulher", ela é a personificação de sua esposa e sua melhor experiência, e ele quer protegê-la. Entretanto, na paixão reside também a perdição, que o leva a morte.

[15] XAVIER, Ismail. Melodrama, ou a sedução da moral negociada. In: **O olhar e a cena** – melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 85-99.

Figura 3: Robert admirando sua melhor "experiência"

Fonte: http://www.lapielquehabito.com/imagenes.php

Outro elemento relevante do filme é técnica do yoga. Vicente se interessa em praticar a atividade porque descobre que por meio dela "há um lugar em que se pode refugiar, um lugar que está dentro de você, que ninguém mais tem acesso, um lugar que ninguém poderá destruir". Vicente se prende a isso e passa a desenhar na parede do quarto mulheres nuas, com as cabeças dentro de uma casa, ou cabeças com duas faces. Ele também cria uma espécie de calendário e escreve a seguinte frase: "eu respiro, sei que respiro".

Figura 4: Vicente/Vera faz do yoga seu refúgio

Fonte: http://www.lapielquehabito.com/imagenes.php

O que tudo isso tem a ver com melodrama? Bom, esse imaginário confia na intuição e nos sentimentos naturais do indivíduo. Xavier[16] certifica: "Flexível, capaz de rápidas adaptações, o melodrama formaliza um imaginário que busca sempre dar corpo à moral, torná-la visível, quando ela parece ter perdido seus alicerces [...]". Portanto, mesmo com a identidade fragmentada a busca pelo natural era mais forte. Vicente ainda "respirava" no corpo de Vera.

Quase no desfecho, Vicente parece que vai aceitar seu "eu" artificial e assumir Vera. Ele dá a impressão de se emocionar com a história de vida de Robert, Marília e Zeca e parece confuso. No entanto, ao ver sua foto (Vicente) no jornal, suas esculturas de arte e seus desenhos na parede, sua real identidade vem à tona, concretizando que a natureza fala mais forte. O melodrama, complementa Xavier, "[...] não exige uma explicação racional do mundo, confiando na intuição e nos sentimentos naturais do indivíduo". A essência, mais uma vez, supera a mutação.

A estrutura melodramática inicia-se com forte antagonismo, seguido por um intenso confronto, ao passo que o desenlace homologa o triunfo do bem e castiga o mal. Assim sendo, no final do filme Robert e Marília morrem e Vicente volta para casa. Mas para a mãe ou para Cristina? Logo que ele havia feito insinuações para ela no início. Almodóvar deixa lacunas para conclusões individuais.

Lágrimas contidas

A trilha sonora melódica "(o melos do drama)" também assume parcela importante no imaginário melodramático, "reforçando a expressão das emoções, sua intensidade. É preciso afetar o espectador, 'ganhá-lo'". No filme, a música brasileira *Pelo amor de amar* aponta o trauma que Norma adquiriu no passado, com a morte de sua mãe, expressando forte sentimentalismo, a ponto de "afetar" e emocionar o público.

As lágrimas do espectador vêm por identificação ao sofrimento de algum personagem, ou pelo próprio olhar domesticado a determinadas questões. Conforme Herzog[17], "os espectadores, ao se identificarem, e a seus problemas, com os sofredores heróis e heroínas dos melodramas, outorgam grandeza às suas próprias aflições cotidianas".

[16] Idem. p. 91.
[17] Apud OROZ, Silvia. 1992. p. 33

Lágrimas de angústia, ou de alegria, podem ter sido derramadas com o enredo *d'A pele que habito*. Ainda que não, deve-se ter em mente que as emoções não se transparecem somente por meio de lágrimas. A cena, por exemplo, que Marília conta a história de Robert e Zeca afeta os sentimentos, mas não necessariamente faz chorar.

No filme, todavia, Vicente/Vera chora ao retornar para casa. No melodrama tradicional, afirma Xavier, "se a vítima se emociona é porque sua condição ganha corpo e visibilidade por meio da performance que oferece um modelo de sofrimento". É, contudo, o momento da catarse do personagem e, talvez, do espectador.

Considerações Finais

O roteiro de *A pele que habito* é bem construído, o jogo de espaço/tempo possibilita o acompanhamento de "perto" da trama pelo seu espectador. Entretanto, as histórias dos personagens não são dadas, mesmo quando ocorre o desfecho do filme o suspense continua, restam lacunas para inúmeras interpretações.

O cinema de Almodóvar é complexo, não permite uma significação simples e integral, como no melodrama canônico. Mesmo sem querer dizer, o diretor diz alguma coisa. Por exemplo, na cena em que Vicente tenta seduzir Cristina, querendo lhe dar um vestido. Ela lhe diz que vai sair com a namorada e que ele é quem deveria usar o vestido. Também pergunta, ironicamente, porque ele não gosta de homens. Cristina ainda alerta Vicente quanto às drogas. Essa cena é um ponto chave e vai atribuir significados ao filme até seu desenlace.

É imprescindível compreender que o espectador dá forma e sentido às imagens de acordo com seu processo cognitivo, memória e inferência. As ponderações feitas aqui, com certeza seriam outras caso não estivesse sendo feitas em um contexto acadêmico, a partir do referencial de um curso sobre melodrama. Talvez, em situação diversa, as lágrimas não seriam contidas. A tensão, do começo ao fim, na expectativa de onde a trama iria terminar, típica de filme de suspense, e o choque não seriam os mesmos.

Esses fatores devem ser levados em consideração, não só quanto ao cinema de Almodóvar, em qualquer análise, seja ela fílmica ou de outro método qualquer, deve ser observado qual o lugar de fala do pesquisador. Destarte, não se corre o risco de fazer generalizações e inferências sem sentido.

Utilizou-se *A pele que habito* como referência porque é um filme que, com sua inteligência, apresenta as marcas exageradas da pós-modernidade e do hedonismo presentes na sociedade atual. As reflexões desse texto não pretendem apontar, necessariamente, o olhar do diretor e o que a objetiva da câmera quis mostrar. Além estão os signos, significantes, simbologias que para mim possuem sentidos, em excesso e controversos, no contexto em que me situo, ou seja, na pele em que eu habito.

Por fim, não é possível afirmar incisivamente se o filme ironiza o gênero ou não se alinha ao imaginário melodramático. Não dá para colocar essa obra e esse cineasta em um único extremo. Portanto, o debate não encerra aqui, mas previamente é possível concluir que apropriações, imbricações, desdobramentos e inferências existem. Por mais que a paródia e o pastiche tentem chocar o público (e conseguem), é difícil escapar do sentimentalismo e não interferir nas emoções do espectador.

Referências Bibliográficas

ALMODÓVAR, Pedro. **La piel que habito**. Produção: Buena Vista International. Espanha: El Deseo S.A., 2011. 1 DVD (117min).

DE CICCO, C. **Hollywood na cultura brasileira**: o cinema americano na mudança da cultura brasileira na década de 40. São Paulo: Convívio, 1979.

LA PIEL que Habito. **Imágenes**. Disponível em: < http://www.lapielquehabito.com/imagenes.php>. Acesso em: 22 de mar. 2013.

OROZ, Silvia. **Melodrama**: o cinema de lágrimas da América Latina. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

PIRES, Caroline Anielle. NOGUEIRA, Lisandro Magalhães. Pedro Almodóvar e a cultura sem nome: a reconstrução do melodrama e da mulher na era dos sentimentos de plástico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais**... Recife, 2011. CD.

SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

XAVIER, Ismail. Melodrama, ou a sedução da moral negociada. In: **O olhar e a cena** – melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 85-99.

_____. Parábolas cristãs no século da imagem: alegoria e melodrama em Hollywood . In: **O olhar e a cena** – melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 101-125.